

O CORPO VIVIDO E A VIVÊNCIA NA COMPETIÇÃO ATLÉTICA: VISÕES HUMANISTAS

Mauro Klebis Schiavon^{1,2}, Afonso Antonio Machado², Marcelo Calegari Zanetti³,
Flávio Luis Dezan², Altair Mioli².

RESUMO

Uma visão contemporânea de “Corpo Próprio” só pode ser alcançada após haver-se passado sobre as visões da fisiologia mecanicista e da psicologia clássica sobre o corpo. O objetivo deste estudo foi refletir sobre a teoria do treinamento desportivo, aplicada na preparação física do basquetebol de alto nível, uma dialética sem síntese como propõe Merleau-Ponty. Se um atleta é “Corpo Próprio” sua consciência para os limites fica maior do que a do atleta que só possui um corpo pronto a ser treinado. Um atleta que não é “Corpo Próprio” está muito mais propenso a agredir-se, pois se vê como possuidor de um corpo treinável. As dopagens e os exageros dos treinamentos não o afetam, pois ele pensa ter um corpo que é forte e pode recuperar-se. No entanto, o atleta consciente que é “Corpo Próprio” sabe que possui uma totalidade que existe e que, se não for cuidada pode deixar de existir. Cabe ao educador, que é o profissional de Educação Física, auxiliar a formação da consciência do atleta, fazendo-o entender a sua existência.

Palavras-chave: Corpo; treinamento; consciência.

THE BODY LIVED AND LIVING IN ATHLETIC COMPETITION: HUMANIST VIEWS

ABSTRACT

A contemporary vision of "Body Own" can only be reached after having-if passed on the visions of Physiology and classical mechanistic psychology on the body. The objective of this study was to reflect on the theory of sports training, physical applied in the preparation of high-level basketball, dialectic without synthesis as proposes Merleau-Ponty. If an athlete is "Body Own" your consciousness to the limits is greater than that of athlete that has only one body ready to be trained. An athlete that is not "Own Body" is much more prone to aggression thus sees itself as ability possessor of a body. The dipping and exaggerations of trainings not affect, because he thinks having a body that is strong and can recover. However, the conscious athlete that is "Body Own" knows that has a whole that exists and which, if not careful can cease to exist. Responsibility of the educator, which is the professional physical education, assists the formation of the athlete's consciousness, causing it to understand its existence.

Keywords: Body; training; awareness.

O CORPO COMO OBJETO NA FISIOLOGIA MECANICISTA E NO COMPORTAMENTALISMO

Merleau-ponty (1942) expõe que o início do comportamentalismo tem seus fundamentos numa fisiologia mecanicista em que o arco reflexo é a unidade mais importante.

Já o mesmo autor em (1945) diz que, para a Fisiologia Mecanicista o corpo foi sempre considerado como objeto e, conseqüentemente, existindo como partes entre outras partes. Os objetos detêm apenas uma relação mecânica externa, assim ao colocar o corpo no universo dos objetos ele passa a ter um funcionamento e uma explicação em termos de comportamento numa expressão linear, que se realiza entre um estímulo que age sobre um receptor sensorial, transformando o sensorial em movimento e resposta. (E - - - R).

Contudo, atribui-se ao sistema nervoso um poder oculto de criar diferentes estruturas para a experiência. Esse poder oculto do sistema nervoso produz respostas específicas a estímulos específicos. Os estímulos passam a ser específicos e uma seleção de tais estímulos é feita pelos órgãos sensoriais, pelo sistema nervoso que transforma as sensações em reações específicas.

Veja-se que um estímulo luminoso pode ser sensível aos olhos, os estímulos como sons e barulhos só podem ser sensíveis aos ouvidos e assim sucessivamente. Ao receber os estímulos, o sistema nervoso trabalha as vias de recepção e de ação. Neste sentido a relação entre estímulo e resposta é uma relação casual.

A Fisiologia Mecanicista não se preocupa em estudar o processo de como se produzem as transformações sensoriais, estudam apenas as relações entre os estímulos e as respostas. A anatomia e a fisiologia humanas desligadas de própria natureza do humano, como ser-no-mundo, ficam apenas ao nível da explicação causal e não ao nível da compreensão. Por esse motivo a visão de corpo na Fisiologia Mecanicista é a de um conjunto de órgãos justapostos que forma o organismo, cuja função ao receber estímulos é conceber certa forma de excitação,

Essa visão de corpo da fisiologia permanece até o momento em que surgem fenômenos específicos como o da “anosognosia”, ou seja, a recusa do paciente em reconhecer a existência de uma doença ou de uma incapacidade, como no caso da amputação de uma perna, os receptores levam a mensagem ao cérebro e o paciente sentia a perna inteira, isto é, o que se denomina “membro fantasma”.

O fenômeno do “membro fantasma” não pode ser explicado através da Fisiologia Mecanicista, mas pede uma explicação psicológica. Mesmo através da teoria do sistema nervoso periférico e do sistema nervoso central, o fenômeno do “membro fantasma” parece haver dependência de determinantes psíquicos para ser explicado.

Nem mesmo a anestesia elimina o sentimento do “membro fantasma”, e há casos de “membros fantasmas” sem amputação, que são resultados de acidentes a nível cerebral. Verifica-se ainda, que esse membro imaginário retém a mesma posição onde, por exemplo, um braço estava no momento do acidente.

Um indivíduo que foi ferido numa batalha podia sentir, ainda, num braço imaginário, os estilhaços que dilaceraram o braço. Tudo parece mesmo depender de determinantes psíquicos. Além do mais, tais circunstâncias envolvem emoções e sentimentos que só poderiam ser abordados pela psicologia.

O CORPO COMO EXPERIÊNCIA E A PSICOLOGIA CLÁSSICA

A Psicologia Clássica considerava o homem dividido em corpo e alma, sendo que esta última estava ligada ao corpo pela transitoriedade do mesmo. Diferentemente da Fisiologia Mecanicista, a Psicologia Clássica não vê o corpo como um objeto entre outros objetos. O corpo não é uma mesa, uma cadeira ou uma lâmpada. Isto porque o corpo possui atributos que os objetos não possuem, como a possibilidade de circundar em torno dos objetos e de estar constantemente percebendo-os em seus diferentes ângulos. Só o humano é capaz de perceber. Os animais não percebem, discriminam por condicionamento.

Contudo, a Psicologia Clássica em alguns momentos assume o corpo como objeto, porém, um objeto específico, diferente dos demais. Vê o corpo como objeto, com características próprias, estabelecendo sempre uma relação de distância entre o corpo, objeto específico e os demais objetos ao redor.

Essa visão da Psicologia Clássica é uma decorrência da influência de DESCARTES, isto é, a dicotomia: sujeito e objeto.

A influência Cartesiana é que de fato sustenta toda a Psicologia Clássica. Ver o corpo como objeto é nada mais do que um “em si” e um “para si”, mesmo sendo o corpo um objeto específico. O “em si” refere-se ao corpo como uma coisa, um objeto, e o “para si” refere-se à consciência. Há, portanto, uma separação entre estas duas qualidades, isto é, de ser corpo e de ser consciência. Para Descartes, consciência e alma eram sinônimos.

Para a Psicologia Clássica há um interno e externo no homem, isto é, um corpo situado num ambiente e uma alma dentro desse corpo. Dessa forma assim construída, a Psicologia Clássica não podia também explicar de maneira satisfatória o fenômeno do “membro fantasma”, elucidado através da anosognosia (recusa do paciente em reconhecer a existência de uma doença ou incapacidade).

A Psicologia Clássica, explicaria os fenômenos da seguinte forma: “membro fantasma” como uma questão de memória, um julgamento positivo ou percepção, enquanto que a anosognosia seria uma questão de esquecimento, um julgamento negativo, uma impossibilidade de perceber.

Tanto a Fisiologia Mecanicista, como a Psicologia Clássica não chegam à compreensão total desses fenômenos devido à visão de corpo que elas possuem. A Fisiologia Mecanicista trata o interno apenas, sem se preocupar com a consciência. A Psicologia Clássica tem uma visão de corpo segmentando-o, para ela o corpo possui um interno e um externo. Assim sendo, o corpo visto tanto pela Fisiologia Mecanicista como pela Psicologia Clássica, é um corpo que não está no mundo.

Para a Psicologia Clássica não há mundo, mas sim ambiente, que é constituído por um conjunto de estímulos. O corpo, na visão da Fisiologia Mecanicista e no da Psicologia Clássica, é um corpo segmentado em suas partes. Para Luijpen (1973), não há mundo, para a Fisiologia Mecanicista e para Psicologia Clássica, pois a visão de mundo como horizonte de possibilidades, como o conjunto de experiências vividas, surge somente com a fenomenologia e com a Psicologia Existencial.

Assim sendo, ao transcender as visões limitadas da Fisiologia Mecanicista e da Psicologia Clássica poder-se-á chegar, a uma visão de “Corpo Próprio” no mundo, ou corpo único. Uma contribuição contemporânea desta visão de “Corpo Próprio” é dada por MERLEAU-PONTY, filósofo contemporâneo, psicólogo existencial, fenomenólogo e humanista. “Corpo Próprio”, termo do próprio autor, é o corpo que não possui um externo e um interno, mas é onde se dá uma continuidade entre interno e externo.

O “CORPO PRÓPRIO PARA MERLEAU-PONTY”

A melhor forma de se iniciar um pensamento sobre a obra de Merleau-ponty sobre o “Corpo Próprio” seria mostrar como o comportamento humano se estrutura. Para Merleau-Ponty (1942) o comportamento humano compreende três ordens bem organizadas que estão em harmonia e relações mútuas, que não se separam.

Uma ordem biológica que é uma ordem vital – segundo essa ordem o corpo não é atributo ou conjunto biológico de órgãos e sim uma totalidade. O homem é o seu próprio corpo e por isso é uma expressão de sua maneira de ser. Decorre daí que o homem possui uma capacidade de compreender o mundo e de atribuir significado às coisas. Cada momento de experiência humana não deixa de ser uma totalidade rigorosa, integrada e estritamente peculiar, onde os detalhes existem apenas em virtude do todo.

Uma ordem física – segundo essa ordem o corpo está localizado num meio físico onde estariam as possibilidades de suas respostas. Mundo, como esta sendo visto aqui, constitui-se de todos os acontecimentos nos quais o humano se envolve e, também daquelas condições que o circundam e às quais o corpo precisa responder.

Porém, não se trata de respostas do tipo causa e efeito ou estímulo-resposta. Como exemplo, o humano pode não responder às condições ao seu redor. Não há determinismo como acontece na situação estímulo-resposta.

Uma ordem humana – segundo essa ordem o humano caracteriza-se por possuir uma consciência no mundo e de si mesmo. Assim, nessa ordem as relações do humano com o mundo passam a não ser mecânicas, mas dialéticas, Uma ação mecânica, tomando o termo no seu sentido restrito, ou mais amplo, é aquela que possibilita uma única causa e efeito, segundo uma ordem determinada, ou seja, a relação do humano com o seu mundo só lhe possibilitam uma resposta a um determinado estímulo.

Na relação dialética há sempre um dinamismo em que as forças podem até ser de oposição e gerar significados novos. É nesta relação dialética que o homem se torna possível de compreensão no seu mundo, pois a visão do seu próprio “ser” não se separa da consciência.

Quando estas três ordens se estruturam no comportamento humano é que se pode ter uma visão de “Corpo Próprio”. O corpo aprende e compreende os movimentos, mesmo a própria cultivação de um hábito é a apreensão de um significado.

Esta elucidação a respeito da ideia de Merleau-Ponty (1942, 1953) sobre a estrutura do comportamento humano habilita a compreender mais claramente a motricidade e a mobilidade como sendo uma intencionalidade básica, isto é, como uma direção da consciência fundamental. Consciência é em primeiro lugar não apenas uma questão equivalente a “eu penso”, mas uma questão de “eu posso”.

É através da consciência intencional que o homem pode habilitar o mundo no qual os estímulos consistentes e várias situações estão sempre ocorrendo. Nesse caso, o humano deixa de estar num

mundo histórico e geográfico onde as situações nunca são comparáveis. Mundo como está sendo usado neste momento, não se refere ao espaço geográfico onde se situam os objetos e as coisas ao redor, trata-se de um horizonte de possibilidades do humano.

Horizonte é o limite até onde podem chegar o olhar e as atividades do homem. A ideia de horizonte não é a de horizonte finito, mas de um movimento de áreas de apropriação para áreas de não apropriação. Este movimento é contínuo e uma ideia existencial de homem. O que nos faz pensar Merleau-Ponty sobre a Teoria do Treinamento Desportivo usada no Basquetebol de Alto Nível, é que devemos na concepção de um programa de preparação física, incluir também, a condição necessária de consciência de si mesmo.

Faz-se necessário ir além da ideia de que o corpo está num espaço ou num tempo. Para Merleau-Ponty (1945) o corpo é o espaço, é o tempo, é o movimento, é o lugar. Ainda mais, enquanto os indivíduos possuem um corpo por meio do qual agem e reagem no mundo, espaço e tempo não são para o corpo uma coleção de pontos adjacentes entre si, nem é uma coleção de relações sintetizadas pela consciência.

O movimento não deve ser pensado como movimento em si, assim como o espaço do corpo não deve ser pensado ou repensado. Cada movimento voluntário realiza-se num contexto, numa situação (background) ou pano de fundo que é determinado pelo próprio movimento. Os movimentos realizam-se num espaço que não é vazio ou que não esteja relacionado com o próprio movimento, mas ao contrário, mantém uma alta relação com ele: o movimento, como pano de fundo ou contexto, é somente um conjunto de estágios artificialmente separados de uma totalidade única.

Qualquer movimento do corpo realiza-se sempre em direção a um objeto que se mostra como referência e não como uma representação desse objeto. Trata-se de algo altamente específico que se projete e traz para perto de nós em antecipação aquilo que se busca.

A consciência está dirigida para as coisas através ou por intermédio do corpo. Um movimento é compreendido quando o corpo o compreendeu, isto é, quando o corpo incorporou o movimento no seu mundo. Movimentar o “Corpo Próprio” é dirigir-se para as coisas por seu intermédio, é permitir ao corpo responder à chamada que é feita pela consciência.

Novos caminhos estão sendo abertos em outros campos de estudo sobre o homem, seus movimentos como forma de expressão. O esporte de alto nível é uma forma de competição na qual o humano se expressa, porém não de forma livre. Esta afirmação poderá causar espécie para os desportistas, mas nem tanto, quando se observa um atleta no seu campo de atividades, geralmente submisso a regras e com obrigação de ganhar o jogo, contudo as competições são também, formas de comunicação feita através do “Corpo Próprio” que é consciência.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Optou-se por uma análise de discurso, recurso utilizado nas pesquisas do modelo qualitativo. Como instrumento, a entrevista semiestruturada num grupo de cinco atletas possibilitou a coleta de dados que refletiram as posições descritas abaixo, de modo a garantir o elo dos dados com a revisão de literatura realizada.

Os atletas são da cidade de Rio Claro, interior do Estado de São Paulo, macro-região esportiva de Piracicaba, participantes de modalidades coletivas, ambos os sexos, idade entre 18-25 anos, nível universitário de formação.

Para a apresentação dos dados coletados optamos por um texto que envolvesse a análise realizada nos discursos registrados, o que garantiu fidelidade e coerência, tanto como um fio condutor temático quanto como uma estrutura dinâmica e dialética entre fala, pensamento e ação. As análises levantadas manifestam pensamentos do grupo e representam a maneira como vivenciam seus corpos, independente de modalidade ou preferência por gestos.

O corpo ao situar-se no mundo como existência assume um corpo total e não um corpo dividido em partes. Cada corpo constrói para si um mundo em geral ao qual é preciso, em primeiro lugar, pertencer para estar capacitado a existir num contexto particular da vida, seja no amor, na ambição de ser atleta ou qualquer outra escolha que venha a fazer. A vida do corpo é constituída de ritmos que não têm as suas razões de ser, senão naquilo que o corpo escolheu nas suas condições existentes, no meio comum, que envolve esse corpo.

É dessa forma que surge a existência pessoal sobre a qual o corpo se apoia para poder viver. A existência pessoal é intermitente e quando essa intermitência cessa, as decisões podem então dar a vida do corpo apenas significações artificialmente induzidas. A sublimação do biológico na existência, e do natural ao mundo cultural, é tão possível como precária, por causa da estrutura temporal da existência.

O presente se realiza numa conquista gradual, em estágios, no horizonte imediato, passado e futuro de totalidade do tempo: supera dessa forma a dispersão dos instantes e se situa numa posição de doar um sentido definitivo ao passado, reintegrar na existência pessoal mesmo aquele passado que o padrão estereotipado do comportamento orgânico parece sugerir como estando na origem do ser.

Nesse contexto até os reflexos têm significado e cada estilo individual é ainda vivível neles. Tanto os reflexos como os hábitos motores como significados, expressam o poder do corpo de dilatar e expandir o seu ser-no-mundo, ou de modificar a sua existência apropriando-se claramente dos instrumentos necessários ao funcionamento eficaz de seu corpo.

É possível executar uma série de movimentos sem precisar conhecer as particularidades do todo; por exemplo, é possível escrever no computador sem precisar olhar para as teclas, ou executar uma peça ao piano sem precisar ler nota por nota, na partitura, ou localizá-las no teclado do piano. Não se trará de reflexos condicionados ou de treino motor, mas sim do conhecimento que o sujeito tem das suas mãos, dos seus braços, dos seus músculos que surgem quando o corpo realiza um esforço.

Nada pode ser formulado em relação ao corpo, sem esse esforço que o corpo deve realizar por ele mesmo. Não se deve impor coisa alguma sobre o corpo, mas é preciso deixá-lo conscientemente realizar o seu próprio esforço.

A sensação de descoberta é tão sublime quanto a sensação de estar-no-mundo. Numa perspectiva mais ampla, podemos dizer que ser esse corpo seja a essência da vida, de modo a garantir amplas relações com os demais seres que compõem o contexto, como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espectadores geralmente voltam sua atenção para os atletas que vencem uma competição, enquanto que os perdedores passam despercebidos. O que é o treinamento desportivo senão a busca pela vitória?

A atividade do esporte levou os atletas, humanos que escolheram essa atividade, a mecanizar-se a tal ponto que o prazer só se encontra no menor momento, no resultado, que também é o final dessa atividade. Passam todo o período de realização das atividades como se estivessem hipnotizados, não sentem, apenas buscam.

A reflexão baseada na ideia de Merleau-Ponty é que o “Corpo Próprio”, o humano é consciente-no-mundo e, por esse motivo, envolvido no que faz, pois tem uma experiência no mundo. Esta ideia tem precedente quando o corpo se defronta numa situação de competição, por exemplo, na qual este corpo sinta que seu time está perdendo.

Resolve, então, dar o máximo de suas possibilidades e desenvolve uma energia que lhe é mesmo estranha, que ele não pensava possuir, e doa-se cegamente à competição podendo mesmo fazer pontos que ninguém esperava. Nesse momento, se ele continuar com o desgaste de energia, o corpo pode ressentir e até perecer. A existência então surge como um alerta chamando atenção para os limites. O corpo gradualmente volta, então, ao seu ritmo normal.

Nesta concepção residem os fundamentos do treinamento do basquetebol de alto nível. Não se trata de preparar um corpo muscularmente, mas de trabalhar a sua consciência de atleta para que ele possa envolver-se no que está fazendo, sem perder de vista, todavia, os limites do seu corpo.

Se um atleta é “Corpo Próprio” sua consciência para os limites fica maior do que a do atleta que só possui um corpo pronto a ser treinado.

Um atleta que não é “Corpo Próprio” está muito mais propenso a agredir-se, pois se vê como possuidor de um corpo treinável. As dopagens e os exageros dos treinamentos não o afetam, pois ele pensa ter um corpo que é forte e pode recuperar-se.

No entanto, o atleta consciente que é “Corpo Próprio” sabe que possui uma totalidade que existe e que, se não for cuidada pode deixar de existir.

Cabe ao educador, que é o profissional de Educação Física, auxiliar a formação da consciência do atleta, fazendo-o entender a sua existência.

Antes de ser treinador, o indivíduo deve ser um educador e, antes de ser um educador, um ser humano preparando outro humano. O profissional de Educação Física precisa humanizar-se antes de se defrontar com o esporte. Só desta forma o esporte pode tornar-se humano e educativo. Acredita-se, ainda, que a ausência de humanismo nas atitudes pedagógicas fazem a diferença e desestabilizam o equilíbrio que o Homem busca, com voracidade, não o encontrando nas vitórias nem nas contendas, mas dentro de si, num novo processo humanizador.

REFERÊNCIAS:

LUIJPEN, W. A. M. **Introdução à Fenomenologia Existencial**. São Paulo: E. P. U. Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

MERLEAU-PONTY, M. **Elogio da Filosofia**. Lisboa: Guimarães, 1953.

MERLEAU-PONTY, M. **La Structure du Comportement**. Paris: Presses Universitaires de France, 1942.

MERLEAU-PONTY, M. **Les Aventures de La Dialectique**. Paris: Gallimard, 1945.

MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la Perception**. Paris: Gallimard, 1945.

¹ Anhanguera Educacional – Leme.

² Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte – LEPESPE/IB/UNESP – Rio Claro.

³ UNIP – Campus de São José do Rio Pardo; Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte – LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro; Academia Conexão Saúde.

Av. 24-A, 1515 - Bela Vista – Rio Claro/SP
13506-900